

# Hortifruti Brasil

Uma publicação do CEPEA - USP/ESALQ  
Ano 4 - Nº 44 - Março de 2006

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA  
VENDA PROIBIDA



## ONDE INVESTIR?

A **Hortifruti Brasil** analisa três importantes regiões produtoras de frutas e indica os pontos fortes e fracos de cada uma para novos investimentos



# FORUM<sup>®</sup>

**Fechou o tempo. Aplique Forum.**

- Segurança e eficiência no manejo da Requeima nos períodos mais críticos.
- Total seletividade à cultura.
- Alta performance com maior período de controle da doença.

Cultivando Inovação,  
Criando Valor

 **BASF**  
The Chemical Company

**ATENÇÃO**

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte  
sempre um  
Engenheiro  
Agrônomo



Venda  
sob  
receituário  
agrônomo

 **FALE COM A BASF: 0800 0192 500**  
[www.agro.basf.com.br](http://www.agro.basf.com.br) [agro@basf.com](mailto:agro@basf.com)

## NORDESTE CONTINUA ATRAINDO INVESTIMENTOS EM FRUTICULTURA

Os três pólos produtores de frutas analisados nesta edição da **Hortifruti Brasil**: Açu (RN)/Mossoró (RN), Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) e o Norte de Minas Gerais devem ser analisados por todo empreendedor que deseja investir no cultivo de frutas.

Localizados em áreas com condições de solo e clima favoráveis à produção de frutas, esses pólos atraíram e ainda atraem muitos investidores. Além disso, o desenvolvimento de técnicas de irrigação e manejo permite que se produzam frutas de qualidade durante o ano todo, chamando a atenção de agentes que planejam enviar frutas para o exterior nas janelas de outros países.

Apesar de boa parte da área de alguns desses pólos já estar ocupada com fruticultura, agentes dessas regiões acreditam que há espaço para a entrada de novos *players* nesses pólos, principalmente para aqueles voltados à comercialização de frutas, uma vez que, em muitos casos, o sistema de mercado ainda é pouco desenvolvido.

Para novos cultivos, a situação é um pouco mais complicada no pólo Açu/Mossoró, onde a maior parte da água utilizada na irrigação provém de poços artesianos, que tem exploração limitada. Em Petrolina/Juazeiro e também no Norte de Minas, a maior facilidade do acesso à água facilita novos plantios, ainda mais com a previsão de

inauguração de novos projetos de irrigação no curto prazo.

O que preocupa agentes de Petrolina/Juazeiro é a possível saturação do mercado. Atualmente, o volume de frutas produzido nessa região é suficiente para atender a demanda, e o aumento do cultivo pode prejudicar a rentabilidade dos produtores locais.

Ainda assim, acredita-se que a crescente procura por terras nessas áreas deve continuar impulsionando o valor do hectare na região. Nas áreas onde serão inaugurados novos projetos de irrigação, a valorização provavelmente estará relacionada à entrada de novos agentes. Onde a utilização da terra já é ampla, a disputa pelas áreas com melhores condições de cultivo é o que deve impulsionar o valor da terra.



Marcelo Costa Marques Neves é o responsável pela produção desta *Matéria de Capa* sobre investimentos em fruticultura.

### Destaques:



### Soluções em produção de hortaliças.

#### Híbrido Astrus Plus



Maior uniformidade de cabeças

#### Solaris



Muito Crespa

#### Híbrido Miramar



Melhor classificação comercial

#### Híbrido Impacto



Resistente à mancha-bacteriana





A **Hortifruti Brasil** analisa três importantes regiões produtoras de frutas e identifica a atratividade de cada uma para novos investimentos

Produtores comentam as perspectivas do mercado de frutas para as suas regiões



**PALESTRA EM PETROLINA**

Gostaria de parabenizar a equipe **Hortifruti Brasil**, em especial a Margarete Boteon, pela palestra proferida em Petrolina no dia 18 de fevereiro, onde demonstrou grande conhecimento da realidade do setor produtivo, especificamente sobre o de manga. Gostaria de ter acesso às informações apresentadas na ocasião, é possível?

**Joaquim Neto**

[joaquim.umbelino@uol.com.br](mailto:joaquim.umbelino@uol.com.br)

*Que bom que você gostou de nossa palestra! Consideramos essa aproximação com produtores de hortifrutícolas fundamental para o desenvolvimento de nossas pesquisas e valorizamos muito esses encontros. O material que você menciona já está disponível no site do Cepea: [www.cepea.esalq.usp.br](http://www.cepea.esalq.usp.br). Acesse! Nele você encontrará informações úteis ao gerenciamento do seu negócio. Caso prefira acessar mais facilmente o documento mencionado, utilize o endereço: [www.cepea.esalq.usp.br/indicador/hort](http://www.cepea.esalq.usp.br/indicador/hort)*

**O trio de qualidade certificada**

**CEBOLA Primavera (Certificada)**      **CEBOLA Criola Alto Vale Certificada**      **CEBOLA Bola Precoce Certificada**

Cebolas Certificadas ISLA: alta pureza genética, resultando em bulbos uniformes e maior produtividade.

**TELEVENDAS**  
0800 709 5050  
[www.isla.com.br](http://www.isla.com.br)  
[isla@isla.com.br](mailto:isla@isla.com.br)

**Errata:**

O nome correto da colaboradora que auxiliou Rodrigo Martini na produção da *Matéria de Capa*: "Reciclando a Hortifruticultura" da edição nº 43, é **Carolina Dalla Costa**

**EXPEDIENTE**

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ

**Editor Científico:**  
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

**Editora Econômica:**  
Margarete Boteon

**Editora Executiva:**  
Carolina Dalla Costa

**Diretor Financeiro:**  
Sergio De Zen

**Jornalista Responsável:**  
Ana Paula da Silva - MTb: 27368

**Revisão:**  
Ana Júlia Vidal e Paola Garcia Ribeiro

**Equipe Técnica:**  
Adriana Carla Passoni, Bianca Cavicchioli, Bruna Boaretto Rodrigues Carolina Dalla Costa, Daniel Hiroshi Nakano, Daiana Braga, Francine Pupin, João Paulo B. Deleo, Marcelo Costa Marques Neves, Margarete Boteon, Magarita Mello, Rafaela Cristina da Silva, Renata E. Gaiotto Sebastiani, Rodrigo E. Martini e Thiago L. D. S. Barros.

**Apoio:**  
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

**Diagramação Eletrônica/Arte:**  
Thiago Luiz Dias Siqueira Barros

**Impressão:**  
MPC - Artes Gráficas.

**Tiragem:**  
8.000 exemplares

**Contato:**  
C.Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP  
Tel: 19 3429-8809  
Fax: 19 3429-8829  
[hfbrasil@esalq.usp.br](mailto:hfbrasil@esalq.usp.br)  
<http://cepea.esalq.usp.br>

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Hortifruti Brasil/Cepea e a devida data de publicação.

# QUAL A MELHOR REGIÃO PARA INVESTIR EM FRUTICULTURA?

Por Marcelo Costa Marques Neves

Investidores nacionais e estrangeiros se perguntam: qual a melhor região do Brasil para investir em fruticultura? Fazem cálculos sobre o retorno do capital investido e, principalmente, sobre a valorização das terras.

A resposta à pergunta acima não é simples e também não há consenso entre os agentes do setor sobre as melhores oportunidades para a produção de frutas. Além disso, a avaliação dos investimentos em “boa” ou “ruim” depende muito perfil do empreendedor.

De modo geral, quatro variáveis devem ser consideradas na avaliação dos investimentos em fruticultura: valorização da terra, condições de solo e clima (edafoclimáticas), infra-estrutura produtiva e também comercial da região.

Nesse sentido, o desenvolvimento da irrigação no semi-árido brasileiro o transformou em uma região atrativa para investidores em fruticultura e o posiciona, hoje, como principal pólo exportador do País. Suas características naturais, associadas à irrigação, permitem que se produzam frutas de qualidade suficiente para atender os mercados externo e interno, o ano todo.

De acordo com o Ministério da Integração Nacional, o semi-árido brasileiro ocupa cerca de 969 mil quilômetros quadrados, abrangendo o norte de Minas Gerais e o Nordeste, com exceção ao Maranhão. Nessa vasta extensão, a **Hortifruti Brasil** selecionou três pólos de fruticultura para concentrar sua pesquisa e analisar as vantagens e desvantagens de cada um: o pólo Açú (RN)/Mossoró (RN), Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) e o Norte de Minas Gerais.

É claro que terra barata, disponibilidade de água e estradas que garantam o escoamento da produção são condições essenciais para áreas destinadas ao cultivo de frutas. No entanto, não são garantia de sucesso. O retorno desse investimento dependerá muito da eficiência produtiva e comercial do empreendedor, da sua capacidade de ofertar um produto de qualidade, de forma contínua e apto a assimilar as novas exigências do consumidor. Tudo isso, ainda, a um custo competitivo quando comparado aos seus concorrentes.





## LOGÍSTICA É O PONTO FORTE DO PÓLO AÇU/MOSSORÓ

O pólo Açú/Mossoró está a oeste do Rio Grande do Norte, na divisa com o Ceará; compreende os municípios potiguares de Mossoró, Açú, Baraúna, Carnaubais, Upanema, Ipanguaçu, Alto do Rodrigues, Afonso Bezerra, Pendências, Serra do Mel e Itajá.

A região se caracteriza pela produção irrigada de frutas e legumes, predominando as culturas de melão, melancia, banana e caju. O pólo é dividido em duas subzonas: a Açú e a Mossoró, que se diferenciam quanto à forma de captação da água para a irrigação. Na subzona Açú, a irrigação é feita através de canais que captam água dos rios Pataxó, Piranhas e da parte baixa do Açú, perenizado pela barragem Armando Ribeiro Gonçalves, que possui capacidade acumulada de 2,4 bilhões de metros cúbicos, segundo o Banco do Nordeste.

Na subzona Mossoró, a captação da água é feita principalmente através de poços artesianos. Em Mossoró, por exemplo, a maioria desses poços é de grande profundidade – de 700 a 1 mil metros – o que acaba elevando os custos, seja pelas despesas necessárias para a construção do poço, seja por sua manutenção. Como a região fica sobre um imenso aquífero, antes mesmo da irrigação pública chegar ao pólo, com o Projeto de Irrigação Pública do Baixo Açú, os produtores locais já desenvolviam atividades frutícolas utilizando a água subterrânea.

Estudos do Banco do Nordeste indicam que o potencial agricultável do pólo Açú/Mossoró é de 1 milhão de hectares, aproximadamente. O clima da região é quente e seco, com precipitação média de 600 mm/ano - concentradas entre março e maio -, umidade relativa de 65% e temperatura média de 28°C. Essas características edafoclimáticas fazem da região uma excelente área para a produção de melão e melancia. De fato, o pólo apresenta hoje grande desenvolvimento produtivo e comercial dessas frutas.

Outro grande atrativo da região é sua proximidade com os principais portos do Nordeste: o de Fortaleza (260 km), o de Natal (277 km) e o de Pecém (300 km), o que agiliza a entrega aos principais compradores internacionais. A estimativa de agentes locais é de que uma carga de melão, por exemplo, demora de oito a 12 dias para ser entregue na Europa ou nos Estados Unidos, partindo desses portos. Isso significa quatro dias de vantagem no envio da fruta

### ECONOMIA AGRÍCOLA

Área total de plantio perene e anual (2004):  
92 mil hectares

Valor de Produção (em 2004):  
R\$ 240 milhões

Rendimento médio (em 2004):  
R\$ 2.600/ha

Receita Bruta de melão (em 2004):  
R\$ 25.000/ha

Principais frutas cultivadas (em 2004):  
melão, melância, banana e caju

Fonte: IBGE



à Europa frente aos concorrentes da América Central, elevando o interesse de algumas multinacionais do setor pela região.

Além das frutas tradicionalmente cultivadas na região, grandes exportadoras têm investido também em culturas tropicais, como banana, mamão e abacaxi. Para o cultivo da banana, o Açu/Mossoró apresenta mais um atrativo: é reconhecido como área livre da sigatoka negra, uma das principais doenças do bananal e cujo controle consome 1 mil dólares por ano em países como Costa Rica, segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO).

Ainda em termos logísticos, a proximidade entre o pólo e os grandes centros consumidores do Nordeste, como Fortaleza (260 km) e Natal (277 km), contribui com o escoamento para o mercado interno.

O ponto fraco, é a qualidade das rodovias regionais, com algumas estradas vicinais precisando de reparos. Agentes locais estimam que aproximadamente 8% do volume de melão carregado entre Mossoró e Natal é perdido devido a avarias durante o transporte. Esse problema, no entanto, deve ser contornado com o crescimento da atividade petrolífera

no Rio Grande do Norte, que demanda investimentos nessa área.

Ainda assim, as vantagens da logística exportadora da região têm atraído multinacionais para o Pólo, inflacionando o valor da terra em algumas áreas. Em entrevista com produtores e corretores da região, a **Hortifruti Brasil** observou que o preço da terra no pólo Açu/Mossoró varia bastante. Na subzona Açu, mais especificamente no Baixo Açu, o valor do hectare era de aproximadamente R\$ 3.500,00 no início deste ano, valorizado pela instalação de grandes *traders* na região, principalmente nas áreas localizadas na várzea do rio.

Na subzona Mossoró, uma área com poço e outorga para utilização da água custava, em média, R\$ 1.200,00/ha. O que prejudica a valorização da terra neste trecho é a dificuldade de se obter novas outorgas para uso da água, visto que a disponibilidade de água proveniente dos poços é restrita. Contudo, esse problema vem sendo minimizado com a construção de barragens para a perenização de rios da região. Outra possibilidade de fornecimento de água para os pólos produtores do semi-árido seria através da transposição do rio São Francisco, projeto que causa discussões infidáveis.

### O grande atrativo da região é sua proximidade com os principais portos do Nordeste



- Portos marítimos mais próximos:  
Natal (RN), Pecém (CE) e Fortaleza (CE)

- Distância entre o pólo e os portos marítimos mais próximos:  
Natal: 277 km; Pecém: 300 km e Fortaleza: 260 km

Tempo de deslocamento até a Europa:  
10 dias

### Infra-estrutura Produtiva e Comercial

- Preço médio da terra: R\$ 1.200 a R\$ 3.500/ha
- Projetos públicos de irrigação: Projeto Baixo Açu: 5.167ha<sup>1</sup>
- Número de *packing houses* com infra-estrutura exportadora: 31
- Condição das estradas: Mediana
- Distância até São Paulo (capital): 3.037 km

Fonte: Cepea

<sup>1</sup> Orçamento do Ministério do Planejamento para 2006

# PETROLINA/JUAZEIRO DESTACA-SE COMO O PRINCIPAL PÓLO EXPORTADOR NACIONAL

O pólo Petrolina/Juazeiro localiza-se no submédio São Francisco e abrange áreas da Bahia e de Pernambuco, tendo como principais cidades as duas que dão nome ao pólo. A região começou a transformar-se em pólo fruticultor nos anos 70 e esse processo se acelerou na década de 80, com a maior implantação de projetos de irrigação desenvolvidos pelo governo federal, através da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba). A Associação dos Produtores e Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (Valexport) estima que existam cerca de 120 mil hectares irrigados na região, entre projetos públicos e privados, com potencial de cerca de 360 mil hectares.

O clima no Vale do São Francisco é quente e seco, com precipitação média de 540 mm/ano e temperatura média de 26°C. As precipitações concentram-se no primeiro semestre do ano e a insolação é de 300 dias por ano, totalizando em 3 mil horas de sol a cada ano. Aliado a irrigação, foram criadas condições ideais para o cultivo de uva e manga, e técnicas sofisticadas de manejo permitiram produzir ambas as frutas durante o ano todo, garantindo maior retorno do capital fixo investido.

Essa facilidade no manejo do ciclo das culturas dá aos produtores locais a possibilidade de direcionar sua colheita para períodos de menor oferta no mercado, aproveitando as brechas em que as demais regiões não conseguem disponibilizar o produto. Os produtores locais de uva, por exemplo, programam sua colheita para outubro e novembro, período em que tradicionais fornecedores do mercado europeu estão com baixa oferta.

Apesar de ainda demandar investimentos em infra-estrutura exportadora, esse é o pólo mais avançado em termos de pós-colheita, com cerca de 22 packing houses preparados para exportar, segundo o Rabobank. Hoje, boa parte da produção local é destinada ao mercado externo

e é justamente de Petrolina e Juazeiro que sai a maior parte da exportação brasileira de uva e manga. Essas duas culturas geraram, juntas, US\$ 179 milhões em divisas para o País em 2005, segundo a Secex.

Os portos mais utilizados para abastecer o mercado internacional são o de Salvador (BA), Suape (PE) e Pecém (CE), localizados a cerca de 510 km, 770 km e 920 km, respectivamente, do pólo de Petrolina/Juazeiro. O porto mais utilizado pelos exportadores da região é o de Salvador, por estar mais próximo às lavouras. No entanto, poucas embarcações deixam Salvador com destino à Europa sem fazer escala em Pecém, o que faz desse o segundo porto mais utilizado pelos produtores do pólo.

Apesar de o porto de Suape ser o menos importante para região, a estrada que o liga ao pólo Petrolina/Juazeiro foi considerada muito boa pelos entrevistados da **Hortifruti Brasil**. Em contrapartida, as rodovias com destino a Salvador e a Pecém não tiveram uma boa avaliação.

Uma outra forma de escoamento da produção local é via aérea. Apesar de ainda ser pouco utilizada pelos exportadores do pólo, o aeroporto de Petrolina possui a segunda maior pista de pouso e decolagem do Nordeste. Segundo a





Infraero, investimentos realizados em 2004 aumentaram a pista em 250 metros, permitindo a plena operação de aviões de grande porte, como o Boeing 747-400, que transporta até 110 toneladas de produtos em sua versão cargueira. Além disso, a estrutura do aeroporto, também segundo a Infraero, está preparada para atender a produção perecível, com seis câmaras frigoríficas.

Segundo agentes locais, as principais vantagens para se investir na região são a elevada estrutu-

ra comercial de exportação e a disponibilidade de mão-de-obra especializada. No entanto, para novos investidores, a oferta de terras com infraestrutura de irrigação ou com potencial para instalação de irrigação é limitada. Com isso, os preços da terra estão elevados e limitam novos investimentos. Segundo levantamento da consultoria FNP, realizado no primeiro bimestre de 2005, o valor da terra irrigada em Juazeiro era de R\$ 8.000,00/ha e em Petrolina (PE), o valor podia chegar a R\$ 13.000,00/ha. Nesses níveis de preços de terra, somente culturas com alto valor agregado poderiam trazer retorno para um novo investidor, em curto prazo.

A possibilidade de ampliar a área irrigada depende de novos projetos públicos. Atualmente, existem dois em estudos: o Salitre e o Pontal, com potencial para irrigar aproximadamente 27 mil hectares, segundo a Codevasf. De acordo com a entidade, o projeto Pontal deverá abrir licitação até junho deste ano para 4 mil hectares, cerca de 50% do potencial total do projeto.

## ECONOMIA AGRÍCOLA

Área total de plantio perene e anual (2004):  
155 mil hectares

Valor de Produção (em 2004):  
R\$ 1 bilhão

Rendimento médio (em 2004):  
R\$ 6.450/ha

Receita Bruta de uva (em 2004):  
R\$ 48.000/ha

Principais frutas  
cultivadas (em 2004):  
manga, banana, uva,  
goiaba e coco

Fonte: IBGE



## INFRA-ESTRUTURA PRODUTIVA E COMERCIAL

- Preço médio da terra: R\$ 8.000 a R\$ 13.000/ha

- Projetos públicos de irrigação:

Existem 17 projetos públicos de irrigação no pólo, totalizando cerca de 55.000 ha irrigados. O principal projeto da região é o Nilo Coelho, com 15.535 ha irrigados

- Número de *packing houses*  
com infra-estrutura exportadora: 22

- Condição das estradas:

Petrolina (PE)-Suape (PE): Muito boa;

Petrolina (PE)-Salvador (BA) e

Petrolina (PE)-Fortaleza (CE): Não são muito boas

- Distância até São Paulo (capital): 2.246 km

- Portos marítimos mais próximos:

Salvador (BA), Pecém (CE) e Suape (PE)

- Distância entre o pólo e

os portos marítimos mais próximos:

Salvador: 513 km; Pecém: 924 km e Suape: 770 km

- Tempo de deslocamento até a Europa:

Salvador: 9 dias; Pecém e Suape: 11 dias

Fonte: Cepea

## POSSIBILIDADE DE **VALORIZAÇÃO** DA TERRA ATRAI INVESTIDORES PARA **O NORTE DE MINAS GERAIS**

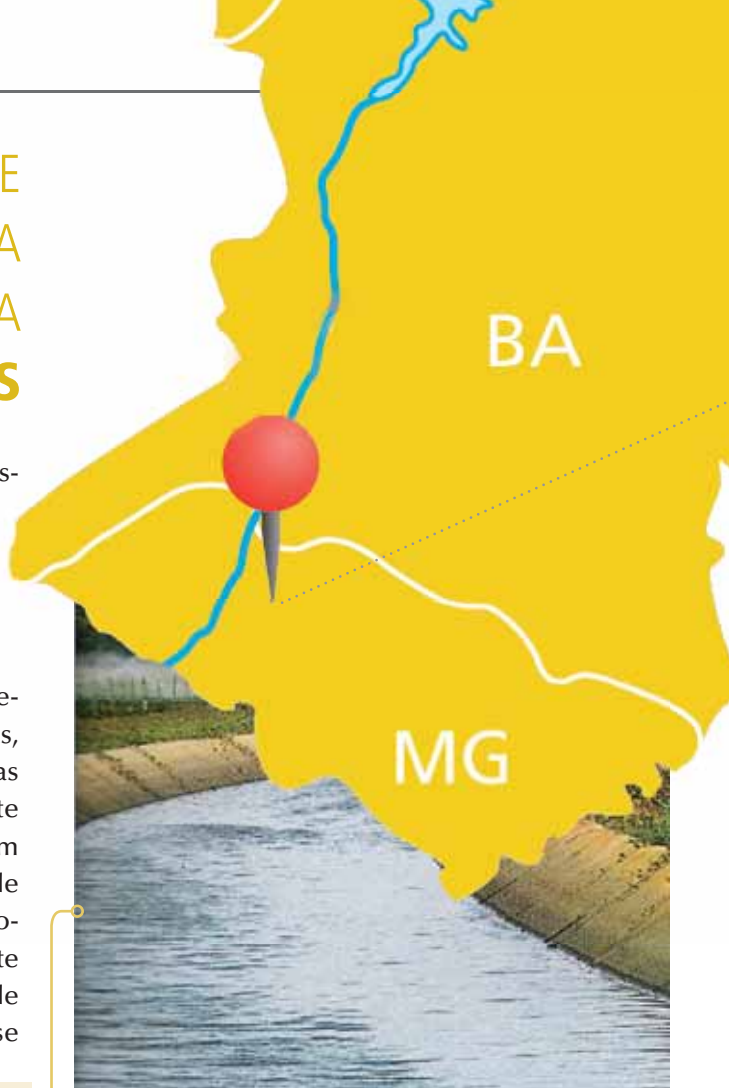
O Norte de Minas Gerais, localizado ao sul do Nordeste, faz parte do Polígono das Secas e, por isso, beneficia-se dos incentivos fiscais e créditos proporcionados pelo governo federal. A maior cidade do pólo é Janaúba (MG), localizada a 132 km de Montes Claros (MG) e a 547 km de Belo Horizonte (MG).

De acordo com o Banco do Nordeste, apesar de a região estar em uma área de baixo regime de chuvas, suas condições naturais são bastante diferentes das registradas no restante do Nordeste, especialmente em relação ao sertão semi-árido, onde predominam solos rasos e pedregosos e vegetação de caatinga de porte baixo. No Norte de Minas, os solos são profundos, bem drenados e a vegetação, na maior parte das áreas, apresenta um porte elevado, quer seja de caatinga, quer seja de vegetação caducifólia (não se mantém verde o ano todo).

O Banco do Nordeste aponta ainda como diferencial da região a grande disponibilidade de água do rio São Francisco e de seus afluentes, fator importantíssimo para a introdução da agricultura irrigada no semi-árido. Estima-se que seja possível irrigar até 150 mil hectares na região. Atualmente existem quatro projetos públicos de irrigação no Norte de Minas Gerais: o Pirapora, o Gorutuba, o Jaíba e o Lagoa Grande. De acordo com agentes locais, juntos, esses projetos têm implantado e em operação, aproximadamente, 44 mil hectares irrigados, nos quais se destaca a produção de frutas tropicais, entre elas a banana.

A região tem um grande potencial de crescimento, no entanto, a falta de investimentos em infra-estrutura comercial, como boas estradas, e a distância em relação aos principais portos, limitam o desenvolvimento das exportações. Assim, a produção local tem se voltado, principalmente, para o mercado interno e segue atrelada ao comportamento nacional: se este vai bem, ótimo, se vai mal, a região perde, já que não tem a possibilidade de escoar a produção para outros consumidores.

Segundo agentes locais consultados pela **Hortifruti Brasil**, um dos pontos fortes da região é sua proximidade com o Brasil Central. A região está a 547 km de







## Novos Projetos Públicos podem incentivar investimentos

- Projetos públicos de irrigação:  
Pirapora, Gorutuba, Jaíba e Lagoa Grande,  
totalizando cerca de 44 mil ha irrigados
- Preço médio da terra:  
R\$ 2.500 a R\$ 3.700/ha

### ECONOMIA AGRÍCOLA

Área total de plantio perene e anual (2004):  
300 mil hectares

Valor de Produção (em 2004):  
R\$ 524 milhões

Rendimento médio (em 2004):  
R\$ 1.800/ha

Receita Bruta de banana (em 2004):  
R\$ 7.300/ha

Principais frutas cultivadas (em 2004):  
banana, manga e citros

Fonte: IBGE

Belo Horizonte, 826 km de Brasília, 982 km do Rio de Janeiro e a 1.134 km de São Paulo, permitindo aos produtores interagir com vários mercados – ainda que todos internos.

Mesmo sendo, entre os três pólos analisados, o mais distante dos portos, a região tenta se modernizar no pós-colheita para se inserir no mercado internacional. No projeto Jaíba, há *packing houses* sendo instalados e projetos para a introdução de novas empresas. De acordo com a Associação Central dos Fruticultores do Norte de Minas (Abanorte), existem na região cerca de 15 *packing houses* certificados para exportar para a Europa e 25 casas de embalagens de banana voltadas para o mercado interno, que, no curto prazo, podem se remodelar visando à exportação. No entanto, esse pólo ainda não possui nenhuma empresa com licença para enviar frutas aos Estados Unidos.

Por outro lado, é uma das regiões que apresenta maior disponibilidade de terras com

### INFRA-ESTRUTURA PRODUTIVA E COMERCIAL

- Número de *packing houses*  
com infra-estrutura exportadora: 15
- Condição das estradas:  
Norte de Minas-Salvador: Não é muito boa;  
Norte de Minas-São Paulo: Boa,  
principalmente após Belo Horizonte, com a  
duplicação da rodovia Fernão Dias.
- Distância até São Paulo (capital): 1.134 km
- Portos marítimos mais próximos:  
Salvador (BA), Vitória (ES) e Santos (SP)
- Distância entre o pólo e  
os portos marítimos mais próximos:  
Salvador: 990 km; Vitória: 1075 km e Santos:  
1206 km
- Tempo de deslocamento até a Europa:  
Entre 9 e 11 dias

Fonte: Cepea

potencial irrigável do país e pode atrair novos investidores que visualizam a valorização do patrimônio no futuro, visto que em algumas áreas os valores da terra estão abaixo dos registrados nos demais pólos fruticultores analisados. Atualmente, estima-se que existam 11.400 hectares ociosos nos quatro projetos de irrigação do pólo mineiro e que mais 22 mil hectares venham a receber água num futuro próximo. Na última licitação de vendas de terra no Projeto Jaíba – Etapa II, o hectare de uma terra boa, com infra-estrutura de água para irrigação foi comercializado a R\$ 2.500,00, segundo produtores da região ouvidos pela **Hortifruti Brasil**. Em Pirapora, uma área agrícola em perímetro irrigado pode custar até R\$ 3.700,00/ha, segundo dados da FNP do primeiro bimestre de 2005.



## ONDE INVESTIR, AFINAL?

Atualmente, qualquer investidor que deseje implantar uma propriedade com frutas deve analisar os três pólos destacados nesta edição da **Hortifruti Brasil**. Numa análise preliminar, as três regiões possuem insumos vitais para a fruticultura: água para irrigação e condições edafo-climáticas favoráveis à produção de frutas.

Dependendo do perfil do investidor, uma região pode ser mais atrativa que a outra. Se o maior custo da instalação de determinada cultura for com logística, o pólo Açú/Mossoró pode ser mais atrativo. Alguns *traders* de banana e melão têm interesse em investir nesse pólo para ganhar vantagem logística nas exportações para a Europa frente a concorrentes da América Central.

Apesar de ter fácil acesso a portos, a principal vantagem competitiva do pólo de Petrolina/Juazeiro é a sua boa infra-estrutura produtiva e comercial, que favorece o planejamento do calendário de colheita e venda no mercado externo na entressafra dos principais concorrentes - como tem ocorrido com a uva e a manga.

No entanto, essas duas regiões estão a mais de 2 mil quilômetros de distância da capital de São Paulo. Isso surge como um limitante para o novo investidor que pretende orientar sua produção para o mercado interno - principalmente para o do Sudeste. Neste ponto, a região do Norte de Minas pode se tornar mais atrativa e já está recebendo investimentos de produtores paulistas que encontram no pólo condições de produzir a tangerina poncã, por exemplo, dois meses antes da

colheita principal

do maior estado produtor, São Paulo.

Caso o investidor esteja mais interessado em obter rendimentos através da valorização da terra do que propriamente com a comercialização de frutas, pode tomar como exemplo a valorização da terra que ocorreu no eixo Petrolina/Juazeiro. O preço das terras com melhores condições de produção aumentou 380% entre 2002 e 2005. No mesmo período, os preços recebidos pelos produtores da uva subiram apenas 46% e a manga desvalorizou 8%. No curto prazo, a região que promete grandes valorizações da terra é Açú/Mossoró. A logística exportadora tem atraído muitos investidores e o preço de comercialização da terra ainda não está em patamares tão elevados quanto os de Petrolina/Juazeiro. O Norte de Minas também apresenta a possibilidade de valorização da terra devido ao potencial de expansão da área irrigável. No entanto, a falta de infra-estrutura comercial e logística na região compromete a elevação do valor da terra no curto prazo.

Para finalizar, cabe ressaltar o papel do governo no desenvolvimento dessas três regiões. O investimento público é fundamental para o aproveitamento total das áreas com potencial de irrigação, por se tratar de custos inviáveis para iniciativa privada. Outro fator importante seria estabelecer um melhor canal de escoamento dos produtos produzidos nesses pólos atraindo também para o local os compradores do produto e *traders* internacionais, dinamizando a comercialização para os mercados externo e interno. ■



## Pólos Agroindustrias

Indicadores	Açu/Mossoró	Petrolina/Juazeiro	Norte de Minas
Valorização Da Terra Em 4 Anos (2005/2002) <sup>1</sup>	32%	380%	39%
Estimativa De Expansão De Projetos Públicos De Irrigação:	Não há dado oficial	60 mil hectares	100 mil hectares
Logística Exportadora	Excelente	Boa	Ruim

## VANTAGENS E DESVANTAGENS:

Ponto Forte	Proximidade frente aos principais portos facilita o escoamento da produção para o mercado externo.	Condições edafo-climáticas permitem controlar o calendário de colheita e comercialização das frutas e boa infra-estrutura de comercialização.	Proximidade com os principais mercados consumidores do Brasil Central.
Ponto Fraco	Limitação à expansão da área com potencial de irrigação em algumas regiões.	Limitação à expansão de novas áreas irrigadas com um baixo custo de terra, no curto prazo.	Dificuldade de acesso aos portos para escoamento da produção no mercado externo.
Oportunidades	Terras com potencial irrigado a baixo custo.	Investir em um portfólio de frutas maior, tanto nas temperadas nas janelas dos principais exportadores, quanto na produção de frutas exóticas.	Abundância de terras com potencial de irrigação a custo muito baixo.
Ameaças	Problemas fitossanitários estão reduzindo a lucratividade da cultura do melão e o protecionismo europeu do mercado de banana pode limitar as vendas externas.	Vocação local de produção de poucas culturas. Atualmente, a uva é o principal foco de interesse dos produtores devido à maior lucratividade. Na década passada, a manga foi a fruta da vez e anteriormente, o coco. Isto gera excedentes de oferta e descapitalização dos produtores.	Forte dependência da economia brasileira. A sua expansão em área vai depender do aumento do poder de compra e da mudança dos hábitos de consumo do brasileiro.

Fonte: Cepea

<sup>1</sup> Dados de terra com base no levantamento da FNP de jan/fev-2005.**Vamos Produzir Juntos?****Você define Quando e a Nunhems lhe indica Como plantar:****1. Comece com híbrido****SUNSET**

Uniformidade.  
Produtividade.  
Resistência  
Raiz Rosada.

**2. Continue com híbrido****GOBI**

Elevado %  
centro único.  
Sabor suave.  
Resistência  
Raiz Rosada.

**3. Conclua com híbrido****TAIKO**

Precocidade.  
Produtividade.  
Resistência  
Raiz Rosada.

A Nunhems indica. Você define.



## Aumenta oferta do Sul para esta safra



## Colheita em Irecê é intensificada



### Pico de oferta segura preços no Sul

Em fevereiro, a colheita sulista foi finalizada e os bulbos, devidamente armazenados, confirmando a previsão de maior oferta na safra 2005/06. Além da área de plantio da região ter aumentado cerca de 10% frente à temporada anterior, a produtividade das variedades precoces foi superior à obtida na safra 2004/05. De modo geral, agentes do setor atribuem a estabilidade de preços do bulbo nacional neste início de ano à maior oferta no Sul. Em Santa Catarina, por exemplo, o aumento do plantio nas regiões altas dos planaltos do estado - região de Caçador, Curitibanos e Lebon Regis - foi significativo. Já em Ituporanga (SC), região mais baixa, onde a área de plantio deste ano permanece praticamente estável frente à de 2005, o volume comercializado aumentou em virtude do menor descarte na região.

### Safra da crioula mineira chega ao fim

Em Uberlândia (MG) e Cristalina (GO), os poucos produtores que normalmente cultivam a crioula visando o mercado entre dezembro e fevereiro aumentaram o plantio nesta safra. Estima-se que a área cultivada com cebolas em Uberlândia neste ano tenha sido de 40 hectares e, em Cristalina, de 120 hectares, o que corresponde a um aumento total de cerca de 20% em relação ao ano anterior. A safra de ambas as regiões terminou no fim de fevereiro, e a venda da crioula mineira ficou restrita a Belo Horizonte. Apesar da chuva durante a colheita, a produtividade não foi prejudicada, visto que os bulbos já haviam completado o ciclo de desenvolvimento. Em algumas lavouras mineiras, o rendimento médio foi de 60 toneladas por hectare.

### Câmbio pode favorecer importadores brasileiros

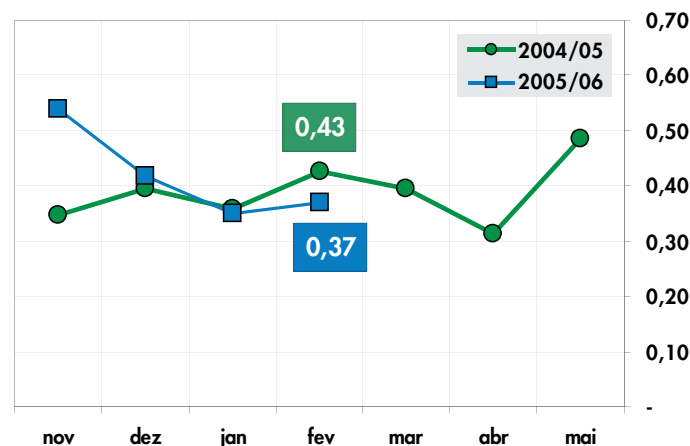
As importações argentinas começaram lentamente neste ano. Em fevereiro, muitos importadores se animaram com a entrada do bulbo estrangeiro no mercado nacional, visto que alguns produtores argentinos negociaram o produto com o pagamento antecipado de apenas 4 pesos/sc de 20 kg, nas roças. Além de o valor ser considerado baixo, o câmbio também favoreceu as negociações.

Segundo o Banco Central, no último dia de fevereiro de 2006, um peso argentino valia em média R\$ 0,69, contra R\$ 0,89 praticado no mesmo período de 2005. Assim, espera-se que o câmbio, pelo menos neste início de temporada, possa contribuir com o aumento da margem de lucro dos importadores. Apesar de o cenário internacional estar mais positivo neste ano, alguns agentes não estiveram muito otimistas com os baixos preços registrados no mercado nacional nas últimas semanas. Eles acreditam que a margem de lucro deve ser limitada, uma vez que o bulbo importado não deve ser valorizado no Brasil.



### Começa a safra Nordestina

Em Irecê (BA), a safra do primeiro semestre começou em meados de fevereiro. Naquele mês, a média de preços da cebola ipa nas roças baianas foi de R\$ 0,56/kg, e a produtividade inicial não foi considerada boa, devido ao calor excessivo no início do plantio, quando a temperatura média permaneceu acima de 40°C. Produtores da região calculam que tenham sido plantados cerca de 600 hectares na região, o equivalente a pouco mais de 50% do total previsto para esta safra na região. No entanto, caso o tempo permaneça seco, a área cultivada neste semestre pode cair em relação ao mesmo período do ano anterior, pois a irrigação local depende da água acumulada nos poços artesianos.



### Maior oferta limita valorização no Sul

Preços médios recebidos pelos produtores sulistas pela cebola precoce e crioula - R\$/kg

Fonte: Cepea





## Aumenta área plantada na safra da seca

### Começa o plantio da safra da seca

O Sudoeste Paulista iniciou o plantio da safra da seca em janeiro, e as atividades devem se estender na região até o final de março. Do total previsto para esta safra, 15% foram cultivados em janeiro, 35%, em fevereiro e o restante deve ser plantado em março. A perspectiva inicial de agentes locais é que a área deste ano permaneça praticamente estável frente à temporada anterior, com cerca de 3,5 mil hectares cultivados. A variedade com maior participação no plantio também deve continuar sendo a ágata, respondendo por 70% da área local. O principal motivo para a manutenção do plantio, segundo produtores, é a baixa disponibilidade de batata "semente" na região. Mesmo com a maior capitalização possibilitada pelos melhores preços da safra anterior, bataticultores não dispunham de um volume de semente suficiente para elevar o cultivo em suas lavouras neste ano. Além disso, muitos receiam que o aumento da oferta do produto resulte em diminuição dos preços internos ao longo da safra. Mesmo assim, algumas regiões prevêem um cultivo maior para este ano. No Paraná, por exemplo, apesar de a expectativa geral ser plantio estável em relação ao ano anterior, a região de Ponta Grossa (PR) deve apresentar um aumento entre 10% a 15% frente a 2005. Esse comportamento é atribuído à euforia dos produtores com os preços altos da safra das águas. Contudo, a dificuldade na aquisição de sementes também pode limitar o crescimento de área na região. O Sul de Minas, também deve ampliar a área em cerca de 12%, em relação a 2005. Contudo, na safra da seca, o principal destino do tubérculo produzido na região é a semente.



### Maior oferta desvaloriza batata

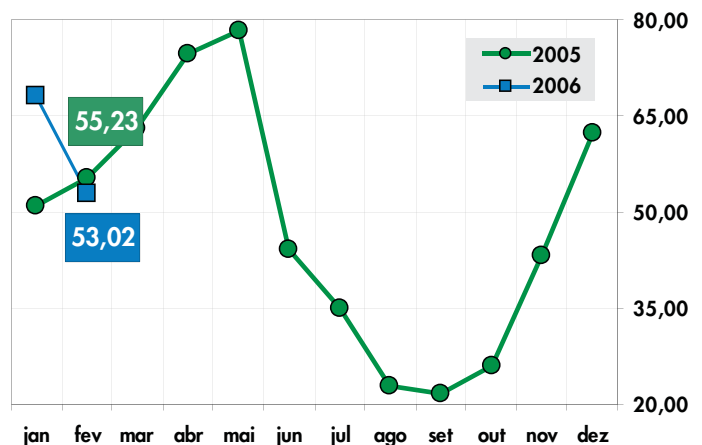
Conforme esperado por agentes do setor, o preço da batata caiu em fevereiro. Essa desvalorização está relacionada ao aumento da oferta no período, sobretudo em Guarapuava (PR), que entrou em pico de safra no último mês. Além disso, o Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba (MG) também intensificaram a colheita em fevereiro e devem colher um volume de batata ainda maior

## Preços caem em fevereiro, mas nem tanto

em março e abril, o que pode pressionar ainda mais os valores do tubérculo no mercado nacional. No último mês, a ágata especial foi comercializada a R\$ 53,02/sc de 50 kg, em média, no atacado de São Paulo, valor 22% inferior ao registrado em janeiro. Em relação ao mesmo período de 2005, porém - quando o tubérculo registrou vários picos de preço -, os valores do tubérculo permaneceram em níveis bastante similares. O principal motivo para o comportamento dos preços nesses períodos foi a mudança do calendário de colheita em algumas praças e a queda da produtividade em outras.

### Agora é a vez do Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba

A região do Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba (MG) deve intensificar a colheita de batata em março, e a safra local deve se estender até maio. Mesmo com a maior oferta, produtores acreditam que os preços devam continuar atrativos neste mês, visto que a oferta do Sul de Minas é menor no período. O Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba deve colher aproximadamente 30% de sua produção em março. Segundo produtores locais, os tubérculos em geral vêm apresentando boa qualidade, com exceção de cultivados em sequeiro, que apresentam diâmetro menor.



Fonte: Cepea



### Preço cai com aumento da oferta

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

# TOMATE

Por Rodrigo Martini e  
Rafaela Cristina da Silva  
tomatecepea@esalq.usp.br



## Pico de oferta desvaloriza tomate



## Tomateiros iniciam plantio da safra de inverno



### Tomateiros planejam aumentar o cultivo na safra de inverno

A estabilidade de preços registrada nas duas últimas safras de inverno incentivou produtores de Mogi-Guaçu (SP) e Araguari (MG) a ampliar o plantio para este ano. Produtores que pretendem colher tomate tardio ainda estão fazendo o semeio de mudas e outros já fizeram o transplante entre janeiro e fevereiro. A expectativa é que essas regiões iniciem a colheita do primeiro plantio entre março e abril. A primeira estimativa de agentes locais é que a área plantada nesta safra será de 10% a 20% maior que a de 2005. No entanto, o volume cultivado ao longo da temporada pode ser alterado conforme oscilações de preço e o comportamento de mercado. Já em São José de Ubá (RJ), tomateiros ainda não definiram o plantio devido à falta de chuvas e de capital para investir na cultura. No entanto, há uma grande movimentação voltada ao preparo do solo na região e a prefeitura local teve que alugar máquinas para suprir a demanda dos produtores. Alguns agentes esperam, caso haja apoio das indústrias de insumos e de investidores, que a área local possa permanecer estável frente à safra anterior, ou até ampliada, mesmo com o baixo resultado da última temporada. Em Sumaré (SP), produtores iniciaram o transplante das mudas para a roça em fevereiro, e a estimativa é que essa região aumente a área colhida em 10% a 15% frente ao primeiro plantio do ano anterior. Já em Paty do Alferes (RJ), não existe previsão de aumento de área plantada. Alguns agentes comentam inclusive que pode haver redução de 5% a 10% no cultivo, frente ao mesmo período de 2005.



### Excesso de oferta desvaloriza tomate em fevereiro



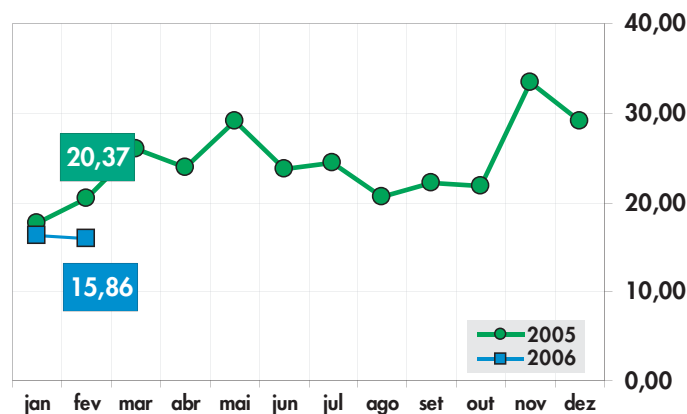
Em fevereiro, os preços do tomate foram pressionados pelo aumento da oferta nacional, principalmente em Caçador (SC), que entrou em pico de safra no último mês. No atacado de São Paulo, referência nacional de preços, o tomate AA, longa vida foi comercializado a R\$ 15,86/cx de 23 kg, em média, queda de 2% em relação a janeiro. Ainda é difícil prever como

se comportarão os preços do tomate em março, visto que mesmo com a redução da colheita em Caçador, as regiões produtoras de São Paulo devem produzir um volume significativo, e as do Espírito Santo ainda estarão no mercado. Além disso, em algumas lavouras do Paraná, a colheita deve ser iniciada também neste mês.



### Queda de preços preocupa produtores de Caçador e Itapeva

A redução dos preços do tomate registrada no último mês deve limitar a rentabilidade dos produtores de Caçador (SC) e Itapeva (SP). O calor de janeiro e fevereiro impediu o pleno desenvolvimento dos frutos, principalmente em Caçador, e antecipou sua maturação. Assim, o tomate AA, longa vida, dessas regiões foi comercializado a R\$ 9,57/cx de 23 kg, em média, em Caçador e a R\$ 11,83/cx de 23 kg, em média, em Itapeva, quedas de respectivamente 29% e 23%, em relação a janeiro. Dessa forma, apesar da elevada produtividade média registrada nas roças dessas regiões (300 a 350 cx/mil pés em Caçador e de 250 a 300 cx/mil pés em Itapeva), muitos produtores que estavam colhendo o tomate ponteiro abandonaram essas lavouras a fim de reduzir gastos diante de preços mais baixos. Muitos temem não conseguir arcar com as despesas pré-estabelecidas para esta safra caso os valores do produto não voltem a subir.



Fonte: Cepea



### Preços caem na Ceagesp

Preços médios de venda do tomate AA, longa vida, no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg





# O SOL NASCEU PARA TODOS!



BATATA



TOMATE



SOJA



MILHO



TRIGO



FEIJÃO

Chegou **ENGEO PLENO**: a nova estrela da **Syngenta** para o controle de pragas. Um inseticida multicultura feito sob medida para quem quer uma lavoura saudável e safras da melhor qualidade.



*Você quer. Você pode.  
A agricultura precisa.*

## ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob receituário agrônomo



**C.a.s.a. 0800 704 4304**  
CENTRO AVANÇADO SYNGENTA DE ATENDIMENTO  
DÚVIDAS · SUGESTÕES · EMERGÊNCIAS

**syngenta**

[www.syngenta.com.br](http://www.syngenta.com.br)



## Pêra registra preços recordes

### Tarifa antidumping não deve trazer prejuízos ao citricultor brasileiro

Chegou ao fim o processo movido por produtores da Flórida contra indústrias brasileiras de suco de laranja, acusadas de praticar *dumping* - comercializar o produto abaixo do custo de produção - nos Estados Unidos. A Comissão Internacional do Comércio (ITC) dos Estados Unidos deu ganho de causa aos citricultores norte-americanos no final de fevereiro. Segundo o Departamento de Comércio Norte-Americano, a Citrossuco foi punida com a menor sobretaxa (9%), a Cutrale deve arcar com um valor intermediário (19,19%) e o maior foi imposto à Montecitrus (60,29%). No entanto, a previsão é de que as novas tarifas não prejudiquem as exportações brasileiras em volume ou receita. Isso porque os Estados Unidos precisam importar mais, visto que a produção local é insuficiente para atender a demanda interna. Segundo a Abecitrus, no acumulado entre julho e janeiro de 2006, foi enviado ao Nafta, bloco no qual os Estados Unidos é o principal importador, um volume praticamente estável frente ao mesmo período da temporada anterior. Além disso, entre julho de 2005 a janeiro de 2006, os embarques nacionais para Ásia cresceram cerca de 36% frente ao mesmo período da safra passada. Assim, a previsão é que as vendas internacionais do Brasil na temporada 2005/06 se encerrem com o mesmo volume recorde do ano anterior: 1,3 milhão de toneladas. Além disso, o cenário de preços na Europa é mais positivo neste ano. Segundo a publicação britânica *Foodnews*, de 10 de fevereiro, o suco vinha sendo cotado a US\$ 1.750,00/t, em Roterdã, praticamente o dobro do praticado há um ano, o que deve contribuir com o aumento da receita, neste ano.



### Entressafra garante preço recorde à laranja

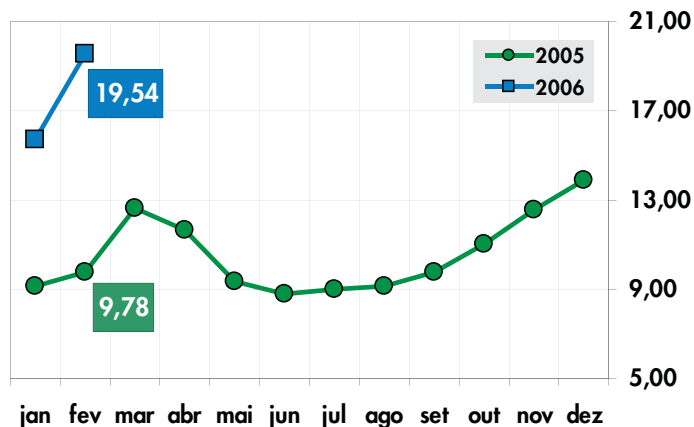
A baixa oferta de laranja em São Paulo nesta entressafra elevou os preços da fruta a patamares recordes. Em fevereiro, o preço médio da pêra na árvore foi de R\$ 19,54/cx de 40,8 kg, o valor mais alto já registrado pelo Cepea desde o início de seu levantamento de

## Tarifa antidumping não deve prejudicar citricultor

preços, em 1994. Nesta safra, o atraso da florada e o baixo volume produzido foram os principais responsáveis pela redução da colheita nos últimos meses. No entanto, no final de fevereiro, a chuva nos principais centros consumidores do País associada aos altos preços da laranja afastou os consumidores e provocou a retração dos valores da fruta na árvore. Neste mês, o início da safra das precoces (hamlin e westin) e das frutas de meia-estação (lima e baía) deve elevar a oferta no mercado interno, pressionando ainda mais

### Pico de safra limita preços do tahiti

A elevada oferta de "limão" tahiti no mercado paulista deve continuar pressionando os valores recebidos por produtores paulistas nos próximos meses. Em fevereiro, o aumento da colheita desvalorizou o fruto nos pomares do estado em 29%, frente ao mês anterior, passando para R\$ 2,18/cx de 27 kg, em média, colhido. Outro fator que vêm dificultado a reação dos preços do tahiti é o atraso da colheita em alguns pomares. Produtores comentam que algumas frutas já estão passando do ponto e começando a apresentar aspecto amarelado, o que reduz seu valor de mercado. A boa notícia é que algumas processadoras devem voltar a receber o tahiti, contribuindo com o escoamento da produção paulista.



### Menor oferta eleva preço a nível recorde

Preços médios recebidos pelos produtores paulistas pela laranja pêra na árvore - R\$/cx de 40,8 kg

Fonte: Cepea



## Falta de chuva preocupa produtores



**“Pescoço” não é garantia de preços altos**



### “Pescoço” continua, mas valorização depende da demanda

O “pescoço” nas lavouras de havaí do Espírito Santo e sul da Bahia deve continuar limitando a oferta em março. No entanto, a previsão de uma colheita limitada, não é garantia de preços melhores para o fruto e a valorização do produto irá depender também do comportamento da demanda nos principais centros de consumo do País. Em fevereiro, por exemplo, mesmo com a menor oferta do havaí, os preços do fruto não subiram frente ao registrado em janeiro. Nas lavouras do Espírito Santo, o havaí, tipo 12-18, foram comercializados a R\$ 0,27/kg, em média, no último mês, contra a média de R\$ 0,47/kg registrada em janeiro. Agentes do setor associam a baixa de preços do fruto a fraca demanda nos atacados, principalmente em São Paulo (SP), onde o tempo instável e o feriados de carnaval prejudicaram a venda.



### Menor oferta pode limitar exportações para a Europa



Exportadores de mamão esperam que as vendas externas voltem a aumentar em março, pois o fim do inverno rigoroso na Europa deve aquecer a demanda internacional pela fruta. No entanto, agentes do setor temem que a baixa produção nas roças de havaí dificulte a formação das cargas com destino ao mercado europeu e comprometa os embarques. As exportações para os Estados Unidos também podem ser prejudicadas pela menor produção de havaí. No entanto, algumas empresas baianas devem iniciar os embarques ao país em março e planejam enviar um volume significativo de frutas para o mercado norte-americano no mês. Segundo exportadores, um volume menor de mamão foi exportado neste início de ano uma vez que às baixas temperaturas nos países importadores não estimularam o consumo da fruta.



### Muito formosa nas roças

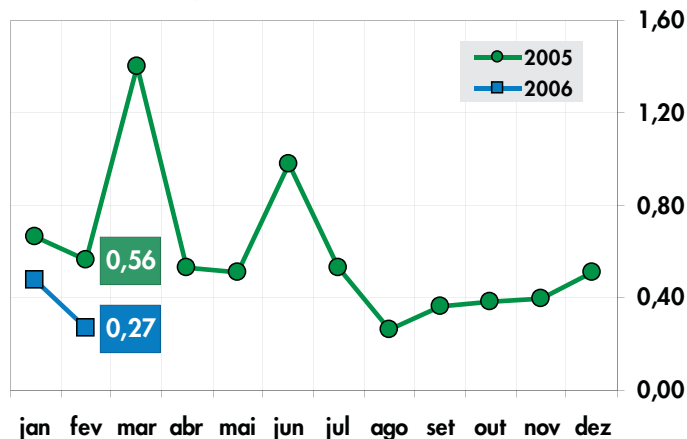
Em março, a expectativa é que os bons preços do havaí colaborem com a valorização do formosa. Desde a segunda quinzena de janeiro, os preços do

formosa vêm caindo significativamente no mercado nacional, pressionados pela elevada oferta. Em fevereiro, o produto foi comercializado em média a R\$ 0,10/kg nas lavouras do Espírito Santo. Diante dos baixos preços, muitos produtores preferiram deixar a fruta no pé, visto que os valores de mercado não cobriram os custos da colheita.



### Calor e seca preocupam produtores

O início de 2006 trouxe muito calor e pouca chuva nas regiões produtoras de mamão do Espírito Santo, sul e oeste da Bahia. Segundo o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), o volume de chuva acumulado no estado capixaba e nas regiões baianas em janeiro é inferior à média histórica da região para o período. No Espírito Santo, por exemplo, choveu de 50 a 100 mm a menos em janeiro deste ano, frente ao mesmo período do ano anterior. Além disso, algumas áreas ficaram mais de 40 dias sem receber chuva. A seca e o calor trouxeram problemas aos produtores de mamão, pois às altas temperaturas e a baixa umidade aceleraram o ciclo de produção do fruto e anteciparam a colheita. Para março e abril, o Inpe prevê que as precipitações acumuladas variem de normal à abaixo da média histórica na Bahia e permaneçam próximas à da média no Espírito Santo.



### Menor demanda desvaloriza havaí

Preços médios recebidos pelos produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí, tipo 12-18 - R\$/kg

Fonte: Cepea



## Começa safra no Vale do São Francisco

### Vale do São Francisco inicia colheita

A safra de melão do Vale do São Francisco deve ser intensificada em meados de março. Diferentemente dos anos anteriores, a chuva deu trégua aos produtores nesta temporada, e alguns melonicultores puderam iniciar o preparo do solo e o plantio em dezembro, colhendo a fruta já na segunda quinzena de fevereiro. Nos últimos dois anos, a chuva em fevereiro prejudicou as lavouras da região e produtores perderam boa parte dos pés plantados. Assim, o plantio só pôde ser reiniciado no final de fevereiro, atrasando a colheita local. Neste ano, apesar de terem ocorrido algumas pancadas de chuvas em fevereiro, as precipitações não prejudicaram o melão que já estava quase no ponto de colheita. Agentes acreditam que caso as condições climáticas no Vale do São Francisco continuem favoráveis até julho, a área de plantio na região deve permanecer praticamente estável frente ao ano anterior, com aproximadamente 2 mil hectares cultivados. A distribuição das variedades também deve ser semelhante à registrada em 2005: cerca de 90% da área será destinada ao plantio de melão amarelo, e o restante, a outras variedades. Produtores acreditam que os preços da fruta estarão mais altos nos próximos meses, em virtude da entressafra na Chapada do Apodi (RN) e Baixo Jaguaribe (CE).



### Menor oferta deve valorizar o melão



Com o encerramento da safra de melão do Rio Grande do Norte e Ceará no último mês e diante da previsão de uma colheita limitada no Vale do São Francisco em março, agentes do setor esperam que os preços da fruta voltem a subir no mercado nacional. Na segunda quinzena de fevereiro, o amarelo, tipo 6 e 7, foi comercializado a cerca de R\$ 16,65/cx de 13 kg, em média, no atacado de São Paulo, valor 5,2% mais baixo que o registrado na primeira quinzena do mês. Os atacadistas acreditam que a desvalorização esteja relacionada à maior entrada de frutos da Chapada do Apodi (RN) e Baixo Jaguaribe (CE) no mercado paulista. Com a finalização das exportações locais, alguns produtores enviaram seus frutos ao mercado nacional, resultando na entrada de um volume superior no atacado de São Paulo.

## Terminam as exportações do Rio Grande do Norte e Ceará

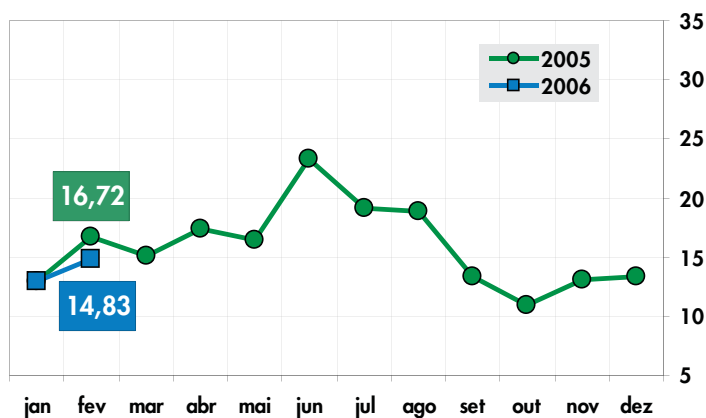


### Rio Grande do Norte e Ceará finalizam exportações

A partir deste mês, apenas alguns produtores continuarão cultivando melão na Chapada do Apodi (RN) e Baixo Jaguaribe (CE). Em fevereiro, a maioria dos agentes locais finalizou a colheita, bem como os embarques de frutas contratadas para o mercado europeu. Aqueles que prosseguirem com o plantio neste mês devem negociar a maior parte da produção no mercado interno. Os poucos que continuarem enviando a fruta para a Europa terão que negociar suas cargas com os importadores isoladamente, visto que o volume contratado pelos europeus no início da safra já foi totalmente embarcado.

### Nova metodologia para o levantamento de preços

A metodologia de levantamento e divulgação de preços de melão amarelo do Cepea foi modificada em fevereiro. Os valores do fruto, que anteriormente eram segregados em tipo 5, tipo 6, tipo 7, tipo 8, tipo 9, tipo 10, tipo 11 e tipo 12 nas roças e em tipo 5 a 8, tipo 9 e 10 e tipo 11 e 12 no atacado, estão agora agrupados em tipo 5 e 8, tipo 6 e 7, tipo 9 e 10 e tipo 11 e 12, tanto na roça quanto atacado. Para mais informações sobre a nova metodologia, entre em contato.



### Menor volume impulsiona preços no Rio Grande do Norte e Ceará

Preços médios recebidos pelos produtores do Rio Grande do Norte e Ceará pelo melão amarelo, tipo 6 e 7- R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea





## Começa a colheita da **keitt** em **São Paulo**



## Aumentam os **embarques** para a **Europa**



### Começa a safra de **keitt** no interior paulista

No início deste mês, deve ser encerrada a colheita de manga palmer nas cidades de Monte Alto (SP) e Taquaritinga (SP). Assim, produtores darão início à colheita da *keitt*, que deve se estender até meados de abril. Apesar de a variedade exigir mais tratamentos culturais, o preço recebido por produtores também é maior, compensando, segundo agentes do setor, os investimentos nas lavouras. Em 2005, mangicultores de Monte Alto e Taquaritinga receberam, em média, R\$ 0,32/kg pela *keitt* destinada ao mercado interno, 37% a menos que no mesmo período de 2004. A safra paulista deste ano deve ser semelhante à de 2005 em volume.



### Aumento da oferta no Vale do **São Francisco aquece exportações**



A partir de meados de março, o volume de *tommy* colhido em Petrolina (PE), Juazeiro (BA) e em Livramento de Nossa Senhora (BA) deve aumentar, contribuindo com os embarques, principalmente para a União Européia. O bloco se destaca como principal comprador da fruta nacional no primeiro semestre. Entre janeiro e junho do último ano, foram enviadas cerca de 26 mil toneladas de manga brasileira para a região, equivalente a 31% do total da manga exportada pelo Brasil em 2005, segundo a Secex. Em fevereiro, a *tommy* destinada ao mercado europeu foi comercializada a R\$ 0,86/kg, em média, nas roças de Petrolina e Juazeiro, valor foi 6,5% menor que o registrado no mesmo período de 2005. Já os Estados Unidos vêm sendo abastecidos principalmente pelo Peru, grande produtor da *kent*. O México, que iniciou seus embarques ao mercado norte-americano mais cedo neste ano, continua exportando algum volume ao país. Segundo o USDA, no mesmo período de 2005, os mexicanos ainda não haviam enviado a fruta aos Estados Unidos.



### **Japão compra mais neste ano**

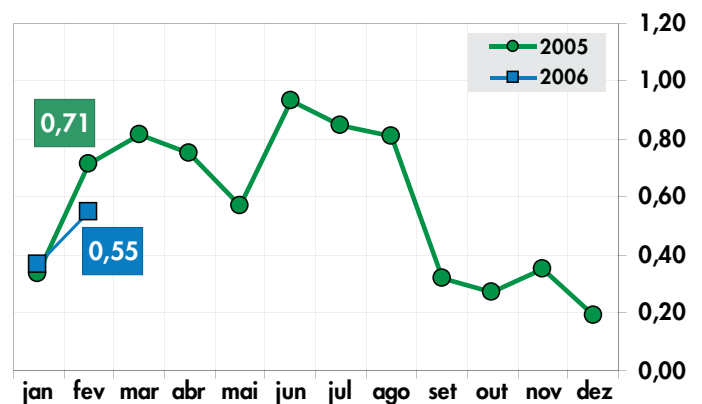
Os embarques de manga com destino ao Japão, do primeiro semestre, foram finalizados na segunda quinzena de fevereiro. Até o fechamento desta edição,

os dados referentes aos embarques de fevereiro não haviam sido disponibilizados pela Secex, mas só o volume exportado em janeiro deste ano já foi suficiente para superar a marca registrada em 2005. No primeiro semestre daquele ano, as compras japonesas foram de apenas 10 toneladas, contra as mais de 33 toneladas exportadas em janeiro de 2006, segundo a Secex. Além disso, as perspectivas para as vendas com destino ao mercado nipônico do segundo semestre também são positivas, visto que os embarques começarão mais cedo: em setembro e não em novembro, como em 2005.



### **Tommy em alta no mercado interno**

Com o final da safra de palmer no interior paulista, a fruta nordestina deve valorizar em março. Apesar de o volume colhido no nordeste também ser maior março, o aumento da oferta local ainda não deve ser suficiente para pressionar os valores da manga. Segundo produtores, o tempo quente em fevereiro prejudicou o florescimento nos pomares a serem colhidos entre abril e maio. Assim, a colheita deve ser tardia em algumas propriedades de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA). No último mês, a *tommy* destinada ao mercado interno foi comercializada nas roças do Vale do São Francisco a aproximadamente R\$ 0,55/kg, queda de 30% em relação a fevereiro de 2005.



### **Entressafra valoriza *tommy* no Vale do São Francisco**

Preços médios recebidos pelos produtores do Vale do São Francisco pela *tommy* - R\$/kg

Fonte: Cepea

## Chile deve manter exportações neste ano



## Começa safra no Vale do São Francisco

### Clima prejudica safra de uvas precoces no Chile

A produção de uvas do Chile, um dos concorrentes do Vale do São Francisco no mercado internacional durante o primeiro semestre, deve permanecer praticamente estável em relação a 2005, afirma o relatório da Rede de Informação Global da Agricultura (*Global Agriculture Information Network*), do USDA, de 12 de janeiro. Apesar de a safra das variedades precoces cultivadas no país - *thompson* e a *festival* - ter sido prejudicada pelo clima adverso no Chile na última primavera, sua menor produção deve ser compensada por um leve aumento na colheita das variedades *red globe* e *flame*, que não foram prejudicadas pelo mau tempo. Com uma produção praticamente estável frente à de 2005, a expectativa é que as exportações chilenas deste ano permaneçam em níveis similares aos da temporada anterior.



### Vale do São Francisco inicia colheita

A safra de uva de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) deve começar em meados de março. Produtores locais acreditam que o volume colhido neste ano deve ser elevado, e a qualidade das frutas, boa, visto que as chuvas dos últimos meses não prejudicaram as lavouras. A maior parte das exportações com destino à União Européia deve ocorrer em abril. Apesar de os consumidores europeus preferirem uvas sem sementes, os produtores resolveram retringir sua oferta no primeiro semestre. Isso porque as variedades sem sementes são pouco resistentes às chuvas que geralmente atingem a região no início do ano.



### São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul em pico de safra

A safra de uva em Pilar do Sul (SP) e São Miguel Arcanjo (SP) deve ser encerrada no final deste mês. No entanto, alguns viticultores que tiveram a produção prejudicada pelo clima adverso de 2005 e repodaram suas áreas devem continuar no mercado até o final de abril. Em fevereiro, os parreirais da região estiveram em pico de safra, contribuindo com o aumento da

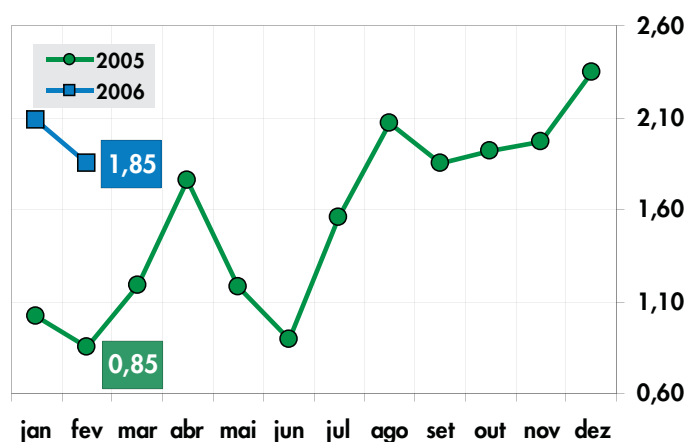
oferta das variedades finas e rústicas. Com isso, os valores recebidos por viticultores locais caíram. A média geral de preços de todas as variedades cultivadas em Pilar do Sul foi de R\$ 2,42/kg, na roça, em fevereiro, queda de 19% frente ao mês anterior. Em São Miguel Arcanjo, a média foi de R\$ 2,28/kg, desvalorização de 7% em relação a janeiro.

### Louveira deve colher em abril

Na tentativa de recuperar parte da produção atingida pela chuva do final de janeiro, produtores de Louveira (SP) realizaram uma nova poda em seus parreirais. Essas áreas devem entrar em produção em abril, e o volume colhido deve ser bastante limitado. Em março, a disponibilidade de frutas na região é baixa e, devido às chuvas, a qualidade pode ser comprometida.

### Boas expectativas para o Paraná

Em março, alguns produtores do Paraná devem dar início à colheita de uva, prevista para se estender até julho. Até o final de fevereiro, a chuva não havia prejudicado o desenvolvimento das frutas da região. No entanto, produtores locais têm intensificado o trabalho voltado ao controle do míldio e de outros problemas relacionados a doenças nos parreirais



### Aumento da colheita pressiona valores da uva

Preços médios recebidos pelos produtores pela uva itália - R\$/kg

Fonte: Cepea



Nova  
Formulação!



Fique tranqüilo...  
a chuva passa e Dithane\* NT fica!

Protege  
Batata



Protege  
Tomate



Protege  
Uva



Dithane\* NT

continuará protegendo sua plantação,  
mesmo depois da chuva!

**ATENÇÃO** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.  
Consulte sempre um engenheiro agrônomo.  
Venda sob receituário agrônomo.



Dow AgroSciences  
www.dowagrosciences.com.br



## Termina a safra da nanica no Vale do Ribeira



### Termina a safra da nanica no Vale do Ribeira

A safra de nanica no Vale do Ribeira será finalizada em meados deste mês, contribuindo com a reação dos preços da fruta. No início do ano, a oferta local permaneceu elevada, desvalorizando a variedade. Na terceira semana de fevereiro, o preço da nanica de primeira atingiu o menor patamar da safra, a R\$ 3,83/cx de 22 kg, em média, nas roças do Vale do Ribeira. A redução dos valores da fruta na região pressionou as cotações no norte de Santa Catarina e no norte de Minas. Nessas regiões, o valor mais baixo registrado ao longo da safra para a fruta de primeira foi R\$ 1,48/cx de 22 kg, em média, na terceira semana de fevereiro, para o norte catarinense e R\$ 2,00/cx de 22 kg, em média, nas últimas três semanas do mês anterior, para o norte mineiro. Durante o verão, produtores do Vale do Ribeira e do norte de Santa Catarina intensificam as atividades voltadas ao controle da *sigatoka negra*, visto que o tempo típico do período favorece a proliferação do fungo. Estima-se que sejam gastos cerca de R\$ 130,00/ha por aplicação voltada ao controle da doença. Dependendo do manejo do bananal, é preciso fazer novas pulverizações a cada trinta dias. A necessidade de intensificar os cuidados nas roças, associada aos baixos preços do início do ano, limitou a rentabilidade dos produtores locais. No norte de Minas, o que restringe os ganhos do bananicultor é a irrigação, fundamental para a produção nessa área.



### Norte de Minas aumenta colheita de prata-anã

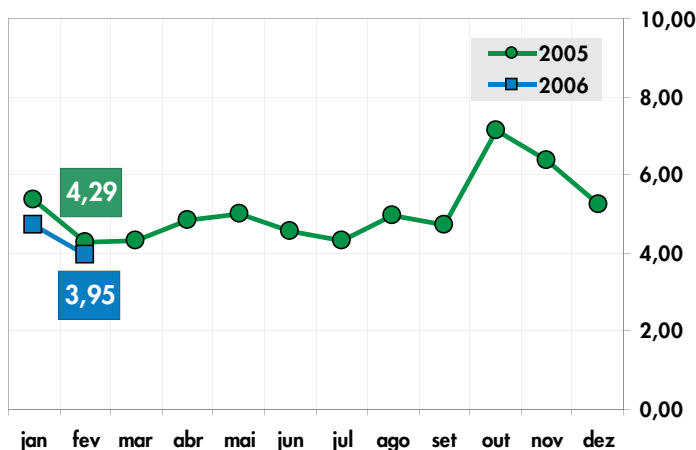
O aumento da oferta de prata-anã no norte de Minas Gerais está previsto para o final de março. No entanto, o forte calor na região, aliado à escassez de chuva nos últimos meses, pode alterar o ciclo de maturação da fruta. Assim, em algumas lavouras da região, a colheita pode ser intensificada antecipadamente e em outras apenas em abril. Com o aumento da oferta de prata-anã, os preços da fruta devem cair. Assim, a tendência é que muitos atacadistas que tinham deixado de comprar a banana mineira devido aos altos preços voltem a comercializá-la. No atacado de São Paulo, a prata-anã chegou a ser negociada a até R\$

## Oferta de prata-anã pode aumentar neste mês

28,33a/cx de 20 kg na primeira semana de fevereiro, valor que inviabilizava as vendas para muitos comerciantes.

### Fair Trade pode ser a saída para pequenos produtores

O comércio "ético e solidário", também conhecido como *Fair Trade*, tem movimentado milhares de dólares anualmente e a expectativa é que esse tipo de comércio cresça a taxas de 20% a 25% nos próximos dois anos. Os principais compradores que utilizam o *Fair Trade* são os europeus, e a banana é o produto com maior volume comercializado por meio desse método - cerca de 60% do total. Os objetivos principais do *Fair Trade* são estabelecer o contato direto entre produtor e comprador, além de tirar pequenos agricultores da dependência de atravessadores e das instabilidades do mercado global. O sistema também contribui com o desenvolvimento sustentável da produção através de melhores condições de troca e da garantia dos direitos para produtores e trabalhadores, principalmente do Hemisfério Sul. Para produtores brasileiros do norte de Minas ou até mesmo de Santa Catarina que planejam exportar para o mercado europeu, seria mais interessante investir nesse tipo de comercialização a competir com grandes empresas multinacionais do setor.



### Safra no Vale do Ribeira derruba preços

Preços médios recebidos pelos produtores de nanica do Vale do Ribeira (SP) - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea





# Novas áreas irrigadas devem atrair investidores

Entrevista: **Dirceu Colares de Araújo Moreira**

*Dirceu é zootecnista e presidente da Associação Central dos Fruticultores do Norte de Minas (Abanorte).*

*Produtor de banana há oito anos na região, ele comenta os pontos fortes e fracos da área e as perspectivas de valorização da terra.*

**Hortifruti Brasil:** *Como o senhor iniciou suas atividades no Norte de Minas?*

**Dirceu Colares de Araújo Moreira:** Meus avós eram produtores rurais e acabei herdando a propriedade aqui na região. Quando me formei em zootecnia, comecei a trabalhar com pecuária de corte de elite, mas com a chegada da fruticultura no Norte de Minas, achei que esta seria uma atividade mais interessante, mais lucrativa, e então iniciei o plantio de frutas.

**Hf Brasil:** *Quais os principais fatores que atraem investidores para o Norte de Minas?*

**Moreira:** Aqui existe um grande potencial devido à qualidade do solo, do clima e da proximidade com as grandes cidades do Brasil. Nós temos muita água disponível no rio São Francisco e nos lençóis freáticos. A grande novidade é o Projeto Jaíba. Ele tem quatro fases: Jaíba I, II, III, IV que, juntas totalizam 70 mil hectares irrigados, sendo que a maior parte do projeto já está pronta.

**Hf Brasil:** *E quais os pontos fracos da região?*

**Moreira:** Quem está fora do Projeto Jaíba enfrenta problemas ambientais para conseguir a outorga de uso da água, para desmatar uma área etc. Além disso, falta crédito. O governo fala que tem determinada verba para a agricultura, mas os recursos não vêm. Outro ponto fraco do Norte de Minas é a descrença do produtor em associações. A Abanorte tem feito seu trabalho, mas mais de 50% dos produtores locais ainda trabalham individualmente. Muitos produtores estão desconfiados porque as gestões passadas de associações da região foram ruins e só a diretoria tinha acesso aos benefícios. Estamos tentando deixar nosso trabalho

o mais transparente possível, pois achamos que só através da associação conseguiremos produzir com qualidade.

**Hf Brasil:** *Sabemos que desde o surgimento do pólo produtor do Norte de Minas, muitos agentes investiram na região. Ainda há espaço para a entrada de novos investidores no local?*

**Moreira:** Existe espaço para novos produtores para o mercado interno e, principalmente, para o mercado externo. Temos observado uma aproximação entre as grandes redes de supermercados e o produtor. As cooperativas, como a Companhia da Fruta, da qual eu faço parte, também são procuradas. Hoje, a região produz mais banana prata, que é 99% direcionada ao mercado interno. Estamos fazendo um grande trabalho para exportar não só essa fruta, mas também a manga e o limão, que são nossas três culturas principais. A banana ainda não está sendo exportada e, para que essa atividade possa ser desenvolvida, precisa ser realizado um trabalho de longo prazo. A manga também apresenta grandes possibilidades para os exportadores, pois atualmente praticamente não há ninguém fazendo esse trabalho honestamente na região. No ano passado, uma empresa exportou a fruta dos produtores e até hoje não pagou. A principal variedade cultivada aqui é a haden, que tem muita aceitação em Portugal e na Espanha. No caso do limão, existe uma associação bastante organizada exportando o fruto, mas acredito que ainda exista espaço para novas exportadoras de limão.

**Hf Brasil:** *A infra-estrutura disponível atualmente é capaz de atender à demanda desses novos agentes?*

**Moreira:** Nós temos estradas médias e

aeroportos que comportam grandes aviões. É possível que se desenvolva a exportação através do aeroporto internacional de Cofins, em Belo Horizonte (MG). Estamos a 500 km desse aeroporto e o governo vem desenvolvendo um projeto para que as empresas contem com um espaço dentro do aeroporto. Vai ter um terminal para frutas. Em Montes Claros (MG), também vêm sendo desenvolvidas ações para que aviões de grande porte possam aterrissar e partir do aeroporto local. Também nesta cidade há um projeto para a instalação de um porto seco. Temos também uma ferrovia, que era da Centro-Atlântica e foi comprada pela Vale do Rio Doce. Apesar de estar parada, sua reativação permite o escoamento da fruta até Vitória (ES) e Santos (SP). No momento, precisamos melhorar a logística e as atividades para isso estão caminhando.

**Hf Brasil:** *Como deve se comportar o valor da terra na região nos próximos anos? O preço do hectare vai continuar subindo?*

**Moreira:** Acho que vai subir, porque dentro do Projeto Jaíba está surgindo um pólo de plantação de cana para álcool e de alguns produtos para biodiesel. Apesar de o custo de irrigação ser alto, a cana irrigada tem uma produtividade muito grande. Já existem grupos de grande porte plantando cana e outros investindo no pinhão-manso, voltado para o biodiesel, na região. Para a pecuária de corte, esta também é uma região com grande perspectiva, uma vez que estão surgindo focos de aftosa no Sul e no Centro-Oeste. Aqui não há estado vizinho com o problema de aftosa. Esse ano foi inaugurado um frigorífico de boi específico para exportação no Norte de Minas. Então, achamos que haverá valorização da terra, porque mais gente deve vir para cá.

# Multinacionais podem acirrar a procura por terra



## Entrevista: Francisco Cipriano de Paula Segundo

*Diretor-Presidente do Comitê Executivo de Fitossanidade do Rio Grande do Norte (COEX) há quatro anos, Francisco foi fundador do Sindicato Rural de Mossoró e Baraúna, onde hoje atua como presidente. Além de todas essas atividades, ele também se dedica ao cultivo de melão no pólo Açú-Mossoró há 21 anos.*

**Hortifruti Brasil:** Como o senhor iniciou suas atividades na região de Açú/Mossoró?

**Francisco Cipriano de Paula Segundo:** Minha família sempre foi agropecuarista. A fazenda tem mais de cinquenta anos e foi adquirida pelo meu pai. Numa certa época, tivemos que decidir o que fazer com a terra herdada. Pensamos em irrigar a área ou vendê-la. Como a família sempre trabalhou com agropecuária, desistimos da venda e contratamos um consultor de Israel, que constatou que seria viável a irrigação. Começamos então a trabalhar com fruticultura irrigada e já estamos produzindo melão há mais de 20 anos.

**Hf Brasil:** O que o motivou a investir no cultivo de melão na região?

**Francisco:** Nasci e me criei aqui. Somos da terra e sempre acreditamos que aqui estava a solução. No início, acreditávamos que o grande problema para a fruticultura era o sol. Contudo, quando começamos a plantar melão, descobrimos que essas 3.500 horas de sol anuais da região eram grande aliadas. A qualidade das nossas frutas se baseia em pouca água, muito calor e no manejo do controle de qualidade.

**Hf Brasil:** Esses fatores continuam atraindo investidores para a região?

**Francisco:** Sim. Temos uma janela de mercado entre 15 de setembro e 15 de janeiro, quando o mundo inteiro está sem plantar frutas tropicais. Além disso, a Chapada do Apodi tem solo muito fértil, não ferroso, com lixividade muito boa e profundidade superior a 20 metros. Isso tudo, aliado à irrigação, propicia a produção dessas frutas aqui o ano todo.

**Hf Brasil:** O que deveria ser modificado ou melhorado a fim de garantir o desenvolvimento do pólo?

**Francisco:** O nosso ponto fraco é a falta de estrutura básica. As estradas têm sido um grande problema. Perdemos 8% de tudo que se exporta, principalmente do melão, em decorrência da má qualidade das estradas, de pancadas durante o transporte. Outro ponto fraco é a falta de pesquisas. Não temos um órgão de pesquisa forte, com excessão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Precisamos de órgãos que sejam, em tempo integral, voltados à pesquisa dessas frutas. Somos um dos únicos estados da federação que não tem Embrapa. A construção e reformas de estrada e investimento em pesquisa são básicos e fundamentais para garantir o desenvolvimento do pólo.

**Hf Brasil:** Desde o surgimento do pólo Açú/Mossoró, muitos agentes investiram na região. Ainda há espaço para a entrada de novos investidores nessa área?

**Francisco:** Com certeza há espaço. O que nos preocupa quanto à entrada de novos investidores é o problema de mercado. Aqui tem muito espaço para plantar, produzir. Mas é preciso avaliar a capacidade do mercado de absorver esses produtos. Acredito que os países que atendemos hoje já estão um pouco saturados pelas nossas frutas. Temos justamente que criar novos mercados, atrair novos compradores para estarmos preparados para novos investimentos.

**Hf Brasil:** E a infra-estrutura disponível atualmente é capaz de atender à de-

manda desses novos agentes?

**Francisco:** Nossa água é proveniente do sub-solo e isso tem um limite. Por outro lado, caso a transposição do rio São Francisco realmente aconteça, teremos rios perenes e com grande disponibilidade de água, permitindo a entrada de novos investidores.

**Hf Brasil:** Quais produtos têm melhores perspectivas na região: os tradicionalmente cultivados ou diferenciados?

**Francisco:** O melão é praticamente uma monocultura na região e, sem dúvidas, precisamos diversificar. Acredito muito no mamão, no crescimento do cultivo da banana, e acima de tudo, no de abacaxi. O abacaxi gold é muito procurado lá fora e tem uma boa produção aqui. Seu cultivo está sendo iniciado e a qualidade obtida é muito boa, pois as características de muito sol, pouca água e solo bom contribuem com a produção de frutos menos ácidos que o colhido por nossos concorrentes. Então, acredito que o abacaxi seria uma boa opção à curto e médio prazos.

**Hf Brasil:** Diante dessa perspectiva, como deve se comportar o valor da terra na região nos próximos anos? Vai continuar subindo?

**Francisco:** É a lei da oferta e da procura. Regiões que têm água disponível e propícias para o plantio de frutas com certeza serão mais valorizadas. A procura por terras na região ainda não é tão grande, mas estamos vendo o aparecimento de empresas multinacionais no pólo, entre elas muitas da Espanha, que acirram a disputa pela terra no Açú/Mossoró.





# Há espaço para novos investidores, principalmente com foco na diversificação

**Entrevista: Gilberto José Nogueira e Silva**

*Biólogo formado pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO/UNESF) e pós-graduado em fruticultura tropical irrigada pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Gilberto produz manga há 13 anos em Petrolina/Juazeiro e há 1 ano iniciou o cultivo de uva na região.*

**Hortifruti Brasil:** Como o senhor iniciou suas atividades em Petrolina/Juazeiro?

**Gilberto José Nogueira e Silva:** Trabalhei 19 anos no departamento de desenvolvimento de pesquisa de uma importante multinacional do setor de frutas e vinha muito a Petrolina a serviço. Quando me desliguei da empresa, vim para cá. Iniciei as atividades como produtor em 1992 e me especializei no manejo de fitoreguladores para produção fora de época. Optei por Petrolina (PE) pela sua infraestrutura e condições favoráveis à agricultura irrigada. A fruticultura já vinha deslançando e sinalizava um futuro promissor.

**Hf Brasil:** Esses fatores continuam atraindo investidores?

**Nogueira:** Sem dúvida. Apesar da crise do dólar, temos previsões de liberação de alguns projetos que estão em fase de inauguração: o Salitrão, na Bahia,

e o Pontal, em Pernambuco. São áreas novas, que devem ser inauguradas ainda este ano.

**Hf Brasil:** E quais os pontos fracos da região?

**Nogueira:** O nosso principal problema é a comercialização. Falta organização dos pequenos, e até de médios e grandes produtores, o que tem prejudicado o escoamento da produção a valores que garantam algum retorno. A janela de mercado existe, mas para exportar nesse período talvez seja preciso desenvolver uma ação abrangente. Para a uva, existe a Cooperativa Agrícola de Juazeiro (CAJ) e o *Brazilian Grapes Market Board* (BGMB), que funcionam bem. Na manga, estamos ainda meio órfãos.

**Hf Brasil:** Desde o surgimento do pólo, muitos agentes investiram na re-

gião. Ainda há espaço para a entrada de novos empreendedores ou a área já está saturada?

**Nogueira:** Ainda há espaço para novos agentes e inclusive para a diversificação das frutas cultivadas. Também precisamos desenvolver uma agroindústria no local. Fui recentemente ao Simpósio Internacional de Manga da África do Sul e vi que outros países como Índia, Paquistão, China, Tailândia e Austrália possuem agroindústria bastante desenvolvida. Precisamos disso aqui também.

**Hf Brasil:** Diante dessa perspectiva, como deve se comportar o valor da terra na região nos próximos anos?

**Nogueira:** Eu diria que houve uma parada momentânea na valorização da terra devido a problemas cambiais. Tão logo sejam liberados os novos projetos da Codevasf deve haver uma estabilização nos preços.

## Linha Tomate

Produtos TOP para uma cultura de qualidade.



HOKKO DO BRASIL agora é



Member of Corteva

# DuPont™ Curzate® BR

fungicida



## A vacina da sua lavoura.

Evite prejuízos, usando **Curzate® BR** de forma preventiva contra a quequeima e o míldio desde o início.

Aplique sempre antes dos primeiros sintomas, quando o clima está favorável às doenças. Assim, você protege sua lavoura, não deixando a doença entrar.

**Curzate® BR** possui dois ativos e ação sistêmica com alto poder de penetração na folha. Protege seu investimento e deixa você tranquilo para tocar o negócio. “Vacinar” a lavoura com **Curzate® BR** é prevenir prejuízos.



*Os milagres da ciência*

© Copyright 2006-2007, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados.



**ATENÇÃO:** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônômico.**



0800 701-0109



www.ag.dupont.com.br